

## XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXV ENANCIB

### GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

#### PANORAMA DAS PRÁTICAS DE LEITURA NO BRASIL: UMA ANÁLISE BASEADA EM DADOS DE PESQUISAS NACIONAIS

#### *OVERVIEW OF READING PRACTICES IN BRAZIL: AN ANALYSIS BASED ON NATIONAL SURVEY DATA*

**Giovana Alves Nogueira** – Universidade Federal de Goiás (UFG)

**Andréa Pereira Santos** – Universidade Federal de Goiás (UFG)

#### **Modalidade: Trabalho Completo**

**Resumo:** a leitura, enquanto prática cultural e política, é profundamente impactada pelas desigualdades socioeconômicas consolidadas no Brasil. Este trabalho teve como objetivo analisar o acesso e as práticas de leitura no país com base em dados de pesquisas nacionais e na abordagem do tema em um meio de comunicação público, buscando compreender os obstáculos e as potencialidades para o fortalecimento das práticas culturais da leitura. Com abordagem quali-quantitativa e caráter descritivo-exploratório, a pesquisa foi fundamentada em análise documental e bibliográfica. Os dados revelam que o perfil do leitor brasileiro está diretamente associado à escolaridade e à classe social, com maior concentração de leitores entre indivíduos com ensino superior e renda mais alta. Observa-se, ainda, um crescimento no uso de dispositivos digitais para leitura, especialmente entre os jovens, embora o acesso às tecnologias e à internet permaneça desigual. Obstáculos como falta de tempo, desinteresse, custo dos livros e percepção negativa sobre a leitura refletem um cenário de desigualdade. A leitura, quando mediada por iniciativas educacionais e culturais comprometidas com a diversidade, mostra-se uma ferramenta de cidadania. Conclui-se que garantir o acesso à leitura no Brasil exige o enfrentamento das desigualdades estruturais e o investimento em políticas públicas estruturadas que incentivem o acesso ao livro, à informação de qualidade, a espaços informacionais como as bibliotecas e à valorização dos profissionais mediadores da leitura.

**Palavras-chave:** práticas de leitura; políticas públicas; desigualdade informacional.

**Abstract:** reading as a cultural and political practice is deeply impacted by the entrenched socioeconomic inequalities in Brazil. This study aimed to analyze access to and practices of reading in the country, based on data from national surveys and the treatment of the topic in a public media outlet, seeking to understand the obstacles and potentials for strengthening cultural reading practices. Using a qualitative-quantitative approach and a descriptive-exploratory character, the research was based on documentary and bibliographic analysis. The data reveal that the profile of the Brazilian reader is directly linked to education level and social class, with a higher concentration of readers among individuals with higher education and higher income. An increase in the use of digital devices for reading is also observed, especially among young people, although access to technology and the internet remains unequal. Barriers such as lack of time, disinterest, the cost of books, and a negative perception of reading reflect a landscape of inequality. When mediated by educational and cultural initiatives committed to diversity, reading proves to be a tool for citizenship. The study concludes that ensuring access to reading in Brazil requires addressing structural inequalities and investing in well-

structured public policies that promote access to books, quality information, informational spaces such as libraries, and the appreciation of reading mediation professionals.

**Keywords:** reading practices; public policy; informational inequality.

## **1 INTRODUÇÃO**

É consenso que a leitura se faz presente nos processos de formação crítica, cultural e social nas pessoas. No contexto brasileiro, as práticas de leitura refletem não apenas os hábitos individuais, mas também as condições estruturais de acesso à educação, ao livro e às competências em informação desenvolvidas. Como observa Abreu (2001), a concepção elitista da cultura, o dogma da literatura erudita, que definem o que é ou não considerado leitura, desfavorecem o país ao enquadrá-lo como não leitor. Nesse sentido, é fundamental entender quem lê, o que se lê e em quais contextos essa prática ocorre. Deve-se originar, a partir desse recorte humanizado, de entendimento da realidade brasileira a partir de pesquisa fundamentada, o planejamento de políticas públicas e ações culturais voltadas à democratização do acesso à informação.

Estudos têm sido realizados com o intuito de demonstrar os padrões de leitura no Brasil. Este artigo analisa o que as pesquisas nacionais revelam sobre as práticas de leitura no país, considerando os recortes sociodemográficos, educacionais, tecnológicos e culturais evidenciados por esses levantamentos. São objetos de análise a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, conduzida pelo Instituto Pró-Livro; os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); os indicadores da pesquisa TIC Domicílios, realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br); e uma matéria produzida por veículo público dentro da perspectiva da leitura, pela Agência Brasil.

Trata-se de uma pesquisa de abordagem quali-quantitativa, com caráter descritivo-exploratório, fundamentada em análise documental e bibliográfica. Os dados estatísticos são interpretados à vista da literatura da Ciência da Informação, com foco nas discussões sobre acesso à informação, mediação da leitura, letramento informacional e desigualdades em âmbitos educacionais, assim como informacionais.

O objetivo geral deste artigo é analisar como diferentes pesquisas nacionais caracterizam as práticas de leitura no Brasil, na busca de compreender os perfis dos leitores, os fatores que influenciam suas práticas e os desafios atuais enfrentados. Os objetivos específicos são: a) investigar as práticas e perfis de leitura no Brasil com base nas edições da

pesquisa Retratos da Leitura; b) relacionar os dados de leitura com indicadores sociais e educacionais divulgados pelo IBGE; c) investigar de que forma as desigualdades digitais afetam o acesso à leitura em formatos digitais no Brasil, com base nos dados do CGI.br; d) examinar como a leitura é abordada pela Agência Brasil, especialmente no contexto de políticas públicas e ações culturais; e e) compreender os obstáculos e as potencialidades para o fortalecimento da cultura leitora no país, com base nos dados levantados.

## **2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A pesquisa desenvolvida possui abordagem quali-quantitativa e caráter descritivo-exploratório, fundamentando-se em análise documental e bibliográfica. Foram utilizados dados de três importantes levantamentos nacionais sobre leitura e acesso à informação no Brasil: a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, o Panorama do Censo Demográfico 2022 e a TIC Domicílios. Esses dados foram analisados sob perspectiva da Biblioteconomia e Ciência da Informação, com foco nos conceitos de mediação, acesso à informação e apropriação da leitura como prática cultural e política. Além disso, analisou-se a representação da leitura em uma matéria jornalística de um meio de comunicação público nacional, a Agência Brasil, que indica a necessidade de legislações e ações culturais voltadas para práticas de diversidade e leitura.

## **3 LEITURA, ACESSO À INFORMAÇÃO E DESIGUALDADE: PERSPECTIVAS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

A leitura, entendida como prática social e forma de acesso à informação, é um dos pilares centrais da Ciência da Informação, que tem como ênfase a disseminação, circulação e uso da informação (Araújo, 2013); considerando as dimensões semântica, pragmática, linguística e cultural dos processos informacionais (Capurro; Hjørland, 2007), sobretudo quando analisada em contextos marcados por desigualdades estruturais, no que se apresenta a realidade do Brasil hoje. Diante disso, refletir sobre o papel da leitura no país exige considerar como os mecanismos de acesso à leitura, as políticas públicas e as condições sociais influenciam diretamente quem lê, o que lê e como lê.

### **3.1 Leitura como prática sociocultural e política**

Chartier (2001) argumenta que a leitura deve ser entendida fundamentalmente como uma prática cultural, considerando a forma como os textos são apropriados por leitores plurais, em contextos igualmente diversos. Trata-se, portanto, de um ato que ultrapassa a relação texto-leitor em sua forma tradicional e envolve aspectos materiais, simbólicos, institucionais e históricos. As práticas de leitura variam conforme o suporte, assim como os próprios sujeitos, que moldam os sentidos dos textos a partir de suas vivências. Nessa perspectiva, compreender a leitura exige dar o enfoque ao leitor em vez da obra, em priorizar o uso ao objeto, isto é, para as formas de apropriação dos textos.

Quando falamos de Brasil e seus leitores, é imprescindível pensar na leitura sob uma perspectiva política, em que poder e interesses entram em cena. Isso implica refletir sobre as condições concretas de acesso aos bens simbólicos, de carga cultural e social no país, que são caracterizadas por desigualdades, como veremos nos dados apresentados mais à frente. No caso do livro, tais desigualdades se revelam tanto na distribuição desigual do produto cultural e, conseqüentemente, do material, quanto na fragilidade das políticas públicas de estímulo à leitura, que oscilam de acordo com os interesses ideológicos do governo em vigência. Como observa Silva (2023), as ações estatais relacionadas ao livro e à leitura são frequentemente pontuais e descontinuadas, sem um compromisso estrutural com a democratização do acesso à informação, democratização essa que é direito de todo cidadão, de poder ser capaz de emancipar-se das amarras da sociedade a partir do desenvolvimento do pensamento crítico. Este último sendo uma habilidade que se desenvolve, por sua vez, através da leitura. A leitura, desse modo, se relaciona diretamente com a democracia (Candido, 2004).

À vista desse cenário desigual, nos interessa refletir sobre as formas de mediação da leitura e sobre as condições de acesso à informação no Brasil. A leitura, enquanto prática cultural e política, depende de estruturas consolidadas que a sustentem: políticas públicas consistentes, equipamentos culturais acessíveis, a existência de bibliotecas, por exemplo; mediação qualificada através de profissionais competentes (Melo, 2022) e reconhecimento das múltiplas formas de ler. A seção seguinte, portanto, discutirá como a literatura da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação tem abordado esses temas, para compor a base para a análise dos dados levantados posteriormente, na seção 4.

### **3.2 Leitura e suas mediações no cenário informacional contemporâneo**

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

Santos, Reis e Dumont (2018, p. 2) afirmam que “a função primeira da Biblioteconomia é permitir, por meio de suas ações culturais, o acesso à informação por meio da leitura, contribuindo para a redução de desigualdades sociais e incentivando práticas de leitura”. Reforça-se, assim, a importância da leitura como base para as demais competências dentro do campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação, pois, para que seja possível uma leitura crítica e qualificada de mundo, é preciso que a base leitora esteja fundamentada.

Para que isso seja possível, as bibliotecas, enquanto equipamentos culturais acessíveis na sociedade, são destacadas como espaços fundamentais para o estímulo a esta prática. Sua atuação ultrapassa a simples disponibilização de acervos, envolvendo ações culturais e educativas, capazes de promover o engajamento dos sujeitos com a informação e com a leitura em suas múltiplas formas e suportes, no que se incentiva a autonomia de seus usuários (Oliveira-Delmasa; Almeida Júnior, 2017). Assim, compreendê-las como mediadoras da leitura é reconhecer seu potencial político e social na construção de uma sociedade ética e informada.

Em relação às competências informacionais, vivencia-se atualmente uma guerra informacional, na qual cada vez mais dificulta-se a identificação da verdade (Santos e Dumont, 2022). Com a consolidação do ambiente digital e o surgimento da cibercultura, como aponta Santaella (2019), há uma mescla entre os espaços digitais e a vida real, propiciando uma dinamicidade de ideias nunca antes vista. Condições essas que Chartier (2022) observa que favorecem a circulação das falsificações, tanto no quesito material, em relação ao contexto digital e a homogeneização dos suportes em que os discursos textuais se assemelham, dificultando a percepção das obras e sua veracidade e falsidade; quanto nos âmbitos culturais, no que tange a “leitura apressurada” fragmentada e não questionadora, e sociais, no que diz respeito à confiança “cega” na interação da comunidade em redes sociais.

Desse modo, podemos visualizar a biblioteca como uma potencialidade para além da promoção da leitura, mas também no desenvolvimento do letramento informacional do sujeito; já que, como argumenta Santos e Dumont (2022, p. 55), “as práticas leitoras são essenciais para o fortalecimento das competências informacionais, especialmente no que diz respeito à interpretação e à avaliação de fontes confiáveis ou não”. Para tanto, é necessário que as bibliotecas estejam bem equipadas informacionalmente (Vergueiro, 2010), assumindo o papel de mediadoras, tornando-se um instrumento para os usuários encontrarem seu caminho no mundo digital.

Além disso, compreender a biblioteca como espaço de letramento informacional é reconhecer que a simples oferta de acervo e acesso não garante, por si só, o desenvolvimento de competências críticas. Como apontam Gasque e Santos (2022), é necessário que o trabalho bibliotecário seja planejado pedagogicamente e articulado às práticas escolares, atuando como força mediadora capaz de promover a autonomia leitora e o pensamento crítico dos sujeitos. A biblioteca escolar, nesse contexto, deve ser compreendida como um ambiente multifuncional, não apenas de empréstimo de livros, mas de construção ativa de sentidos e saberes, articulada às práticas pedagógicas e às necessidades informacionais dos estudantes.

Chartier (2022) indica, em frente à realidade atual, os saberes necessários frente à selva digital: a avaliação das fontes encontradas na rede; a capacidade de interpretar os dados; e a problematização de cada pesquisa eletrônica. Enfrentar a abundância informacional exige, assim, um posicionamento ativo e crítico por parte dos leitores.

Nesse cenário, é natural que as mediações da leitura se transformem, moldando-se diante às novas realidades. A Web 2.0, caracterizada pela participação ativa dos usuários e pela criação colaborativa de conteúdos, deu origem a novas formas de leitura (Santaella, 2013; 2019), no que se estende a plataformas digitais dedicadas à organização e promoção de leituras literárias, por exemplo. As comunidades digitais formadas em torno de interesses específicos – como os clube de leitura online, fóruns, redes sociais literárias e plataformas interativas – constituem novos espaços de mediação cultural, nos quais os leitores deixam de ser apenas receptores e passam a atuar como produtores, curadores e mediadores de conteúdo, na figura dos prosumidores, como propõe Toffler (1980).

Tais práticas evidenciam, assim, a expansão do conceito de leitura e a necessidade de reconhecer as múltiplas formas pelas quais os sujeitos se apropriam dos textos no ambiente digital. Ao lado dos desafios associados ao excesso de informação e à desinformação, surgem também oportunidades de engajamento, pertencimento e formação leitora em ambientes colaborativos, impulsionados pela cultura da rede.

#### **4 PANORAMA DAS PRÁTICAS DE LEITURA NO BRASIL A PARTIR DE PESQUISAS NACIONAIS**

Compreender as práticas de leitura no Brasil requer a análise das diferentes formas em que elas são investigadas e representadas em estudos nacionais. As pesquisas desenvolvidas por instituições como o Instituto Pró-Livro, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) e a Agência Brasil oferecem

dados relevantes sobre os perfis de leitores, seus hábitos, condições de acesso e desigualdades persistentes. Nesta seção, analisa-se o que essas fontes apresentam sobre a leitura no Brasil contemporâneo.

#### **4.1 Retratos da Leitura no Brasil**

Lançada inicialmente em 2001, a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil surge com o objetivo central de identificar a prática da leitura de livros no Brasil e o acesso a eles. Desde então, tornou-se uma referência fundamental para governos, pesquisadores e entidades ligadas ao livro e à leitura. Atualmente, em sua 6ª e mais recente edição (2024), se objetivou a compreender o comportamento do leitor considerando fatores como intensidade, forma, limitações, motivação, representações e as condições de leitura e de acesso ao livro (abrangendo tanto o físico como o digital) pela população brasileira na atualidade. No recorte das práticas de leitura, de forma inédita, questões acerca da preferência por livros digitais ou impressos foram incorporadas.

Nota-se que a metodologia da pesquisa evoluiu ao longo das edições, devido ao aperfeiçoamento de seus instrumentos de análise e coleta, o que significa que nem todos os indicadores são diretamente comparáveis. No entanto, é possível observar tendências e constâncias.

Cabe destacar que, para fins da Pesquisa Retratos, em todas as suas edições, considera-se leitor aquele indivíduo que leu, total ou parcialmente, ao menos um livro, impresso ou digital, nos últimos três meses.

##### **4.1.1 Quem lê**

A 1ª edição (2001) pesquisou a população alfabetizada com 14 anos ou mais e pelo menos 3 anos de instrução completa. A partir da 2ª edição (2007), o universo foi ampliado para toda a população brasileira residente com 5 anos ou mais, alfabetizada ou não.

Em relação ao perfil demográfico e socioeconômico da população, no que se refere ao gênero, as mulheres representam a maioria entre os leitores nas edições mais recentes da pesquisa. Em 2019, 54,2% das mulheres se declararam leitoras, frente a 45,9% dos homens; em 2024, os percentuais caíram, mas o público feminino manteve a liderança (50,4% contra 42,9%)<sup>1</sup>. Em relação ao número de livros lidos por ano, as mulheres apresentaram média

---

<sup>1</sup> (Retratos da Leitura no Brasil, 2024, p. 19)

superior em mais edições (2007, 2011 e 2024), enquanto os homens se destacam em 2015 e 2019.<sup>2</sup>

Já com base na idade, o perfil do leitor varia. Leitores mais jovens (estudantes) tendem a ter contato com mais tipos de materiais.<sup>3</sup> Leitores mais velhos se destacam na leitura da Bíblia<sup>4</sup>. Crianças (5 a 10 anos) são as que mais demonstram ter gosto pela leitura.<sup>5</sup>

No que diz respeito à escolaridade e classe econômica, em que o hábito de leitura se relaciona estritamente, pessoas com Ensino Superior e classes econômicas mais altas (A/B) tendem a ter taxas de leitura mais elevadas<sup>6</sup> e a ler mais por prazer ou atualização cultural.<sup>7</sup> É importante destacar que há um aumento da escolaridade média da população nas últimas décadas, mas isso não significa que pessoas alfabetizadas dominem plenamente as habilidades de leitura, como aponta a 4ª edição (2015, p. 127).

Quanto à localização geográfica, os perfis e indicadores de leitura variam significativamente entre as regiões e entre capitais e municípios do interior. As edições mais recentes da pesquisa (5ª e 6ª) permitem análises por unidade federativa. Em 2019, a região Sul liderava com 58% da população considerada leitora, percentual que caiu para 53% em 2024. Já o Nordeste apresentou a maior queda no período, passando de 48% para 43%, tornando-se a região com o menor índice de leitores. Em comparação, a região Centro-Oeste teve 46% de leitores em 2019, ficando, à época, atrás do Nordeste.

#### 4.1.2 O que lê

A respeito dos gêneros literários, a pesquisa aponta consistentemente a Bíblia como o gênero literário mais lido ou mais citado pelos leitores brasileiros ao longo de diversas edições. Na 1ª edição (2001, p. 67), constata-se que quanto mais baixo o estrato econômico, maior é a penetração de leitura da Bíblia. Outros gêneros frequentemente citados incluem Romance, Livros Religiosos (não Bíblia) e, em edições mais recentes, Contos e Crônicas. A ordem de preferência ou leitura de outros gêneros varia entre edições e perfis de leitores (idade, escolaridade).

---

<sup>2</sup> (Retratos da Leitura no Brasil, 2024, p. 32)

<sup>3</sup> (Retratos da Leitura no Brasil, 2015, p. 130)

<sup>4</sup> (Retratos da Leitura no Brasil, 2020, p. 54)

<sup>5</sup> (Retratos da Leitura no Brasil, 2024, p. 63)

<sup>6</sup> (Retratos da Leitura no Brasil, 2024, p. 58)

<sup>7</sup> (Retratos da Leitura no Brasil, 2024, p. 62)

Em relação ao formato de leitura, as últimas edições da pesquisa indicam que o livro impresso ainda predomina (83% em 2024).<sup>8</sup> No entanto, os livros digitais já representam uma parcela significativa (16% em 2024), sendo o celular/smartphone o dispositivo mais comum para essa prática.<sup>9</sup> A leitura digital, embora em expansão, é frequentemente interrompida por notificações e mensagens, o que pode afetar a concentração dos leitores nesse formato.<sup>10</sup>

#### 4.1.3 Onde lê

O domicílio permanece como o principal local de leitura para a maioria dos leitores brasileiros. Contudo, a leitura em ambientes alternativos, como meios de transporte (ônibus, metrô, trem, avião) e espaços públicos, tem ganhado relevância, especialmente devido à praticidade proporcionada pelos dispositivos digitais, que facilitam o acesso a livros em qualquer lugar.<sup>11</sup>

As bibliotecas — públicas, escolares, universitárias e comunitárias — também são objeto de investigação nas pesquisas. Observa-se que as bibliotecas escolares e universitárias concentram maior frequência de uso. Entre os que afirmam frequentar bibliotecas sempre ou às vezes, a Classe C representa a maior parcela, com 45% dos respondentes, seguida pela Classe B (32%) e pelas Classes D/E (20%). A Classe A, por sua vez, corresponde a apenas 3% dos frequentadores.<sup>12</sup>

#### 4.1.4 Por que lê ou não lê

A ideia predominante associada à leitura pela população é que ela traz conhecimento. Entre pessoas com menor renda ou escolaridade, vinculam o ato de ler à possibilidade de ascensão social e melhoria financeira. Na edição mais recente, destaca-se também seu papel no desenvolvimento do letramento informacional, da competência em interpretar notícias e identificar as falsas.<sup>13</sup> Entre os principais influenciadores do gosto pela leitura, destacam-se a mãe ou figura feminina responsável e os professores.<sup>14</sup>

---

<sup>8</sup> (Retratos da Leitura no Brasil, 2024, p. 102)

<sup>9</sup> (Retratos da Leitura no Brasil, 2024, p. 100)

<sup>10</sup> (Retratos da Leitura no Brasil, 2024, p. 106)

<sup>11</sup> (Retratos da Leitura no Brasil, 2015, p. 130)

<sup>12</sup> (Retratos da Leitura no Brasil, 2024, p. 122)

<sup>13</sup> (Retratos da Leitura no Brasil, 2024, p. 78)

<sup>14</sup> (Retratos da Leitura no Brasil, 2024, p. 66)

Das barreiras para não ler, os motivos mais citados para a ausência de leitura no último ano incluem falta de tempo, desinteresse, preferência por outras atividades e custo dos livros. Além disso, a leitura é por vezes percebida como uma atividade cansativa ou sem utilidade prática, e a obrigatoriedade imposta, especialmente em contextos escolares, aparece como fator desestimulante entre os não leitores.

#### **4.2 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**

Considerado o principal provedor de dados e informações do Brasil, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) conta a história do país através de números e estatísticas. Ao contextualizar os resultados da 6ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2024) a partir dos dados do Panorama do Censo Demográfico de 2022, realizado pelo IBGE, torna-se evidente que as desigualdades demográficas, educacionais e socioeconômicas descritas por este último refletem no perfil do leitor brasileiro.

A Retratos aponta que, quanto maior a escolaridade e a renda, maior é o hábito de leitura de livros. Esse perfil corresponde, quando falamos de uma maior classe econômica, justamente aos grupos menos numerosos na população geral, segundo o Censo, evidenciando a desigualdade no acesso à leitura no país. Estados com elevadas taxas de alfabetização, como Santa Catarina, Distrito Federal, São Paulo e Rio Grande do Sul (todas superiores a 96%), de acordo com o Censo, também concentram maior percentual de leitores.

Em suma, a sobreposição desses dados permite sustentar a tese de que as desigualdades estruturais do Brasil impactam diretamente na formação e no perfil do leitor, concentrando as práticas de leitura em parcelas da população com maior escolaridade e poder aquisitivo.

#### **4.3 Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br)**

Em decorrência da ampliação dos suportes de leitura, a Retratos da Leitura no Brasil 2024 aponta que o uso de dispositivos digitais, como celulares, tablets e e-readers, tem se tornado cada vez mais comum na rotina dos brasileiros. Essa tendência se relaciona diretamente com o crescimento do acesso à internet no país. De acordo com a pesquisa TIC Domicílios 2023, realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), 84% dos domicílios brasileiros estão conectados à rede, o maior percentual já registrado na série histórica, superando os 80% de 2022.

Contudo, apesar desse avanço significativo na conectividade geral, os dados da TIC revelam desigualdades estruturais no acesso e na apropriação da internet, que afetam diretamente o potencial da leitura digital como prática disseminada. Entre os usuários de internet, a proporção é muito maior nas classes A (97%) e B (95%), enquanto nas classes D/E, o índice é de apenas 69%. Essa disparidade acompanha as diferenças de renda: apenas 74% das pessoas com renda familiar de até um salário-mínimo são usuárias da internet, frente a 97% nas faixas de renda mais altas.

Além das barreiras socioeconômicas, os usuários com menor escolaridade e menos recursos materiais de acesso à internet tendem a apresentar níveis reduzidos de habilidades digitais. Essa limitação compromete a capacidade de uso da rede para fins mais complexos.

Embora 15% dos usuários de internet tenham realizado o download de livros digitais, esse percentual é baixo diante da ampla utilização da internet para consumo de conteúdo audiovisual, como vídeos, músicas e séries. Isso evidencia que o acesso à internet, por si só, não garante a prática da leitura de livros digitalmente.

Portanto, ainda que a leitura digital venha crescendo e criando novas possibilidades de acesso, os dados da TIC Domicílios 2023 demonstram que esse potencial não está sendo usufruído de forma equitativa pela população brasileira. A qualidade do uso e finalidade do acesso variam conforme o perfil social e educacional do usuário. Isso influencia diretamente no acesso a livros e conteúdos de leitura.

#### **4.4 Agência Brasil**

Para além dos dados quantitativos, é relevante investigar como a leitura é apresentada nos meios de comunicação públicos. A Agência Brasil, veículo da Empresa Brasil de Comunicação (EBC), divulga conteúdos voltados às áreas da cultura, educação, política, entre outras.

Ao digitar o termo “leitura” no mecanismo de busca do portal, em maio de 2025, foram retornados 8.180 resultados, apresentados em grupos de 15 notícias por página, ordenadas de forma decrescente a partir das publicações mais recentes. A notícia mais atual intitula-se “ONG promove educação antirracista nas escolas públicas do Rio”, e trata da primeira edição do “Programa de Educação Antirracista”, vinculado ao projeto “Lá Vem História”, que tem como uma de suas principais atividades a mediação da leitura em oficinas artísticas e culturais.

A matéria destaca as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que estabelecem a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas. As instituições participantes do projeto receberão acervos compostos por obras de autoras como Djamila Ribeiro e Bell Hooks, cujas produções são referências na temática da educação antirracista, contribuindo para a formação de bibliotecas mais diversas e representativas.

Esse exemplo dialoga diretamente com o que se propõe a seção teórica deste trabalho, ao evidenciar como a leitura está implicada em práticas educacionais e culturais, neste caso, de perspectiva decolonial, que buscam disseminar informações persistentes que fortalecem a base leitora desses sujeitos e, conseqüentemente, auxiliam no desenvolvimento do pensamento crítico, fundamental diante dos desafios atuais. A presença de políticas públicas que amparam iniciativas como essa reforça a leitura como prática política e instrumento de cidadania.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As barreiras sociais solidificadas no Brasil afetam diretamente nas práticas e no acesso à leitura, independentemente de seu formato – seja ela no tradicional impresso ou imersiva no ambiente digital. A partir das análises dos dados de pesquisas nacionais e da representação da leitura por um meio de comunicação público, constata-se que, embora a leitura seja de fato reconhecida como instrumento de formação crítica, inclusão social e exercício da cidadania, sua efetiva democratização permanece como um desafio. Os resultados evidenciam que o perfil do leitor brasileiro se vincula a variáveis como escolaridade e classe social, como apontado nas edições da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, e que de acordo com o Panorama do Censo 2022 (IBGE), 32% da população brasileira com 18 anos ou mais possui apenas o ensino fundamental incompleto ou nenhuma instrução formal, o que revela a provável exclusão de parcelas significativas da população do direito à leitura.

Nesse contexto, os obstáculos relatados pelos respondentes das pesquisas, como a falta de tempo, o desinteresse, o custo dos livros ou a percepção da leitura como prática difícil ou irrelevante, não devem ser compreendidas isoladamente, mas como reflexos de um cenário de desigualdade que carece de políticas públicas voltadas ao eixo da leitura. Embora tenha sido observado crescimento no uso de dispositivos digitais para leitura, sobretudo entre jovens, a análise da pesquisa TIC Domicílios indica que o acesso às tecnologias e à internet

ainda é desigual, no que compromete à apropriação adequada destes recursos em relação ao acesso à informação e como instrumento de leitura.

O fortalecimento de uma prática cultural da leitura em um país de extensão continental igual ao Brasil demanda a implementação de políticas públicas consolidadas que passem por processos de avaliações contínuas, capazes de ao menos equiparar, gradativamente, parte das assimetrias que constituem um país desigual como o Brasil (Silva, 2023). Como observa Gutiérrez (1988), a superação das desigualdades sociais não será alcançada exclusivamente pela escolarização, mas requer transformações profundas nas estruturas econômicas e sociais. Assim, é papel do Estado assegurar o acesso equitativo à leitura e à informação por meio de ações que tentem remediar a falta de oportunidades culturais pela população, em especial as carentes.

Iniciativas pontuais, como a analisada na Agência Brasil, demonstra o potencial da leitura como ferramenta de transformação social, sobretudo quando articulada a projetos educacionais e culturais comprometidos com a diversidade e com a justiça social. É imprescindível, dessa forma, o investimento em bibliotecas escolares, públicas e comunitárias, espaços informacionais de qualidade e de acesso gratuito, bem como na valorização de profissionais qualificados, como bibliotecários e pedagogos, que atuam coletivamente na mediação da leitura, estabelecendo pontes entre os sujeitos e o universo informacional, simbólico dos livros. Essa mediação, como defende Gasque e Santos (2022) vai além do incentivo à leitura literária, envolvendo a formação de sujeitos capazes de interpretar, selecionar e problematizar criticamente a informação. A valorização de bibliotecas como ambientes pedagógicos, articulados ao currículo escolar e à vida comunitária, contribui para o fortalecimento do letramento informacional em suas múltiplas dimensões – técnica, crítica, cultural e cidadã. Tal prática, portanto, constrói possibilidades de emancipação, de liberdade do sujeito leitor em formação.

## **REFERÊNCIAS**

ABREU, Márcia. Diferença e desigualdade: preconceitos em leitura. *In*: MARINHO, Marildes (org.). **Ler e navegar**: espaços e percursos da leitura. Belo Horizonte, MG: Ceale, 2001, p. 139-160.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O que é Ciência da Informação?. **Informação & Informação**, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 01–30, 2013. DOI: 10.5433/1981- 8920.2014v19n1p01. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/15958>. Acesso em: 17 abr. 2025.

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

CAMPOS, Ana Cristina. **ONG promove educação antirracista nas escolas públicas do Rio.** Agência Brasil, 19 maio 2025. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2025-05/ong-promove-educacao-antirracista-em-escolas-publicas-do-rio> . Acesso em: 19 maio. 2025.

CÂNDIDO, Antônio. O direito à literatura. *In*: CÂNDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004. p. 169-191.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. Trad. Ana Maria Pereira Cardoso; Maria da Glória Achtschin Ferreira; Marco Antônio de Azevedo. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22360>. Acesso em: 5 fev. 2024.

CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. *In*: CHARTIER, Roger. **Práticas da leitura**. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. p. 77-105.

CHARTIER, Roger; SANTOS, Andréa Pereira dos; DUMONT, Lígia Maria Moreira. **Livro, mundo digital e leituras: práticas e apropriações**. Goiânia: Editora UFG, 2022.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias; SANTOS, Andrea Pereira. Competência leitora na cultura digital e a biblioteca escolar: a contribuição do letramento informacional. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 27, n. 1, p. 1-22, 2022.

IBGE. **Panorama do Censo 2022**. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 09 maio 2025.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil**. 1. ed. São Paulo: CBL, Snel, Abrelivros e Bracelpa, 2001. 106 slides, color. Disponível em: <https://prolivro.org.br/wpcontent/uploads/2020/10/1aedicaoRetratosdaLeitura2001.pdf>. Acesso em: 09 maio 2025.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil**. 2. ed. [S. l.]: IPL, 2007. Disponível em: <http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/48.pdf>. Acesso em: 09 mai. 2025.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil**. 3. ed. [S. l.]: IPL, 2011. Disponível em: [https://www.prolivro.org.br/wpcontent/uploads/2020/07/3\\_ed\\_pesquisa\\_retratos\\_leitura\\_IPL.pdf](https://www.prolivro.org.br/wpcontent/uploads/2020/07/3_ed_pesquisa_retratos_leitura_IPL.pdf). Acesso em: 09 mai. 2025.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil**. 4. ed. [S. l.]: IPL, 2015. Disponível em: [https://www.prolivro.org.br/wpcontent/uploads/2020/07/Pesquisa\\_Retratos\\_da\\_Leitura\\_no\\_Brasil\\_-\\_2015.pdf](https://www.prolivro.org.br/wpcontent/uploads/2020/07/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf). Acesso em: 09 mai. 2025.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil**. 5. ed. [S. l.]: IPL, 2019. Disponível em: [https://www.prolivro.org.br/wpcontent/uploads/2020/12/5a\\_edicao\\_Retratos\\_da\\_Leitura\\_IPL\\_dez2020-compactado.pdf](https://www.prolivro.org.br/wpcontent/uploads/2020/12/5a_edicao_Retratos_da_Leitura_IPL_dez2020-compactado.pdf). Acesso em: 09 mai. 2025.

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil**. 6. ed. [S. l.]: IPL, 2024. Disponível em: [https://www.prolivro.org.br/wpcontent/uploads/2024/11/Apresentac%CC%A7a%CC%83o\\_Retratos\\_da\\_Leitura\\_2024\\_13-11\\_SITE.pdf](https://www.prolivro.org.br/wpcontent/uploads/2024/11/Apresentac%CC%A7a%CC%83o_Retratos_da_Leitura_2024_13-11_SITE.pdf). Acesso em: 09 mai. 2025.

MELO, Camila Alves de. “Criação de esconderijos”: funções do mediador de leitura. *In*: NUNES, Marília Forgearini *et al.* (org.). **LER para mediar**: a literatura infantil na roda. 1ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022, p. 81-99.  
Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/livro/ler-mediador>. Acesso em: 12 mai. 2025.

NÚCLEO de Informação e Coordenação do Ponto BR. (2023). **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros**: pesquisa TIC Domicílios, ano 2023. Disponível em: <https://cetic.br/pt/arquivos/domicilios/2023/domicilios/>. Acesso em: 14 mai. 2025.

OLIVEIRA-DELMASSA, Heloá Cristina; ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. A mediação da informação em projetos de incentivo à leitura. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. **Anais [...]** Marília: ANCIB, 2017.

SANTAELLA, Lúcia. Cibercultura & Livro: desfazendo equívocos. *In*: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa (org.). **O livro na cibercultura**. Santos (SP): Editora Universitária Leopoldianum, 2019. p. 47-57.

SANTAELLA, Lúcia. O leitor ubíquo. *In*: SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação ubíqua**: repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013. Cap. 13. p. 265-284.

SANTOS, Andréa Pereira dos; REIS, Filipe; DUMONT, Lígia Maria Moreira. Práticas de leitura: estudo qualitativo e bibliométrico dos artigos publicados nos encontros nacionais de pesquisa em Ciência da Informação - enancibs. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018, Londrina. **Anais [...]** Londrina: ANCIB, 2018.

SILVA, Maisa Barbosa da. **Políticas públicas para a leitura e a literatura no Brasil**. Belém: RFB, 2023. Disponível em: [https://www.rfbeditora.com/\\_files/ugd/baca0d\\_2c71fea8d8f94fc3bc2fc1fa32a23d54.pdf](https://www.rfbeditora.com/_files/ugd/baca0d_2c71fea8d8f94fc3bc2fc1fa32a23d54.pdf). Acesso em: 10 mai. 2025.

TOFFLER, Alvin. **A terceira onda**. Rio de Janeiro: Record, 1980.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Seleção de materiais de informação**: princípios e técnicas. 3.ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2010. 120p.